

Ética, micropolítica e diferença: a atitude crítica à moralização no utilitarismo liberal

ETHICS, MICROPOLITICS AND DIFFERENCE: THE CRITICAL ATTITUDE TO MORALIZATION IN LIBERAL UTILITARIANISM

*Flávia Cristina Silveira Lemos**

*Ataualpa Maciel Sampaio***

RESUMO

O presente artigo é um ensaio sobre ética, micropolítica e ecosofia. Busca abordar alguns aspectos, tais como: distinção entre moral e ética; problematização da produção da diferença como engrenagem da micropolítica; a fabricação pelo desejo e com a multiplicidade de forças em resistências às práticas fascistas e a atitude crítica ao juízo por meio da transvaloração dos valores pela genealogia. O artigo, portanto, visa interrogar como o utilitarismo e o liberalismo são agenciados no capitalismo para criar uma moral da sobrevivência. Postula-se ainda que a razão instrumental da sociedade empresarial e consumista favorece a subjetividade moralizada. Busca-se pensar que a ética é uma aposta ecosófica e micropolítica da produção desejante como parte de uma potência dos encontros de enfrentamento aos fascismos. Parte-se de contribuições de Félix Guattari; Gilles Deleuze; Michel Foucault; Judith Butler e Friedrich Nietzsche. Por fim, apresenta-se uma relação entre ética, estética e política como possibilidade de criar outros modos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Desejo; Ética; Micropolítica; Ecosofia; Moral.

ABSTRACT

The article is an essay on ethics, micropolitics and eco-philosophy. It seeks to address some aspects, such as: distinction between moral and ethics; problematizing the production of difference as a gear of micropolitics; the fabrication by desire and with the multiplicity of forces in resistance to fascist practices and the critical attitude towards judgment through the transvaluation of values by genealogy. The article, therefore, seeks to interrogate how utilitarianism and liberalism are brought together in capitalism to create a moral of survival. It is also postulated that the instrumental reason of business and consumer society favors moralized subjectivity. We seek to think that ethics is an eco-philosophical and micropolitical bet on desiring production as part of a power of encounters to confront fascisms. It starts with contributions by Félix Guattari; Gilles Deleuze; Michel Foucault; Judith Butler and Friedrich Nietzsche. Finally, a relationship between ethics, aesthetics and politics is presented as a possibility to create other ways of life.

KEYWORDS: Desire; Ethic; Micropolitics; Ecosophy; Moral.

* Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, Doutora em História Cultural - UNESP-Assis-SP. Professora associada III de Psicologia Social-UFPA. Bolsista de produtividade de pesquisa do CNPQ-PQ2.

** Mestre em Psicologia Social -UFMG

Introdução

Este texto é um artigo em formato de ensaio construído especialmente para um dossiê temático cujo tema era a ética, micropolítica e desejo, em um periódico acadêmico sobre Filosofia Política e Ética. Busca-se por meio de uma narrativa problematizadora analisar algumas práticas constitutivas da ética na relação com a estética e com a política, especificamente sob o recorte de algumas conversações por zonas de vizinhanças com: Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Judith Butler.

Interroga-se como a ética tem sido colocada em segundo plano diante do enfoque moralista bastante presente na sociedade liberal, calcada em uma divisão binária e dicotômica entre o bem e o mal. Optou-se pela realização de uma crítica ao estilo de vida liberal por este propor a competição e a segurança como estratégias centrais da economia política e da criação de si. A concorrência estimulada serve à lógica do mérito e da hierarquia assim como parte de modelos de sucesso e aproveitamentos utilitaristas de supostas oportunidades oferecidas pelo mercado. Já, a vertente da segurança está ancorada na moral da reivindicação de proteção por meio da produção de um contrato em que a sociedade se organiza com o objetivo de construir um pacto social com a formulação de leis e normas comuns.

Portanto, o liberalismo nasce e se expande pela égide da avaliação do bem e do mal, do ajuste utilitário de um contrato do bem-estar e da

procura da felicidade como sinônimo do bom pela piedade e pelo controle de uma razão instrumental. A racionalidade liberal é baseada na ordem como progresso a partir de valores em que a bondade possa visar ao lucro, ao desenvolvimento por modelos de ser que desvitalizam e fabricam sobreviventes, os quais tentam reproduzir moralmente cartilhas e manuais de felicidade.

Procura-se pensar neste artigo a relevância da ética na correlação com a política e a estética, sobretudo, a partir de uma perspectiva micropolítica em que a fabricação do desejo é parte de um dispositivo de afirmação da vida ecosófica e que não se restringe à escolha do bem e do mal, porque não equivale à moral e também não se pretende utilitária na medida em que não se quer alcançar mérito e bem-estar como sucesso pelo controle técnico da existência em nome da defesa do contrato social liberal.

A moral também é um gás do capitalismo mundial integrado e passou a ser vetor de difusão da cultura de massa, da homogeneização das maneiras de viver, de sentir, de agir, de se relacionar e de se constituir. O equivalente cultural crucial na moral como modo de sobreviver buscou no sujeito empreendedor uma racionalidade para administrar a vida e regular as condutas pelo empresariamento na economia política e das subjetividades, pelo acirramento da judicialização, da medicalização e da criminalização das formas de existir (FOUCAULT, 2008).

A visão de aumentar as leis e a concorrência para gerar liberdade e circulação de corpos e bens se tornou um mantra das últimas décadas e virou combustível para o acirramento das políticas da inimizade, gerando:

aumento dos racismos e violências, crescimento vertiginoso da xenofobia e genocídios massivos, intensificação do trabalho precário e destruição da biodiversidade, ampliação da exploração sexual e perseguição religiosa entre muitas outras mazelas e inúmeras desigualdades sociais e econômicas nunca antes vividas e presenciadas. A moral é conveniente com este estilo liberal de ser e pode ser cartografada como inimiga da ética.

O legalismo e a propriedade, a compra e venda de serviços e estilos de existência não trazem nem fabricam uma subjetividade ética, inventiva e responsável politicamente, ao contrário, são os venenos e sintomas da modernidade iludida e adestrada pelo capital, modelada pela culpa e ressentida face aos que ousam diferir e ter a coragem da verdade como resistência. Ocupar a posição ética é uma resistência face a uma sociedade legalista e utilitarista, pautada no punitivismo e na submissão política do desejo à repetição de modelos prévios em uma sobrevida moral.

A ética é distinta da moral

Em Nietzsche (2001), é fundamental distinguir moral de ética para pensarmos a sociedade e os valores, sobretudo, na modernidade em que o bem e o mal se tornaram uma base das vidas submetidas à lei e à ordem liberal do juízo pautado na culpa e na vingança como modos de regular o cotidiano e forjar o ser humano. A criação do homem como objeto de preocupação e do antropocentrismo foram parte de um mecanismo moral desvitalizante da existência, enfraquecendo a vida pela sobrevivência de

valores dóceis e legalistas em prol de um pensar utilitarista e instrumental dos corpos, das relações e das afecções.

A busca do bom e do bem versus a repulsa ao mal é configurada pela hierarquia dos valores, em que os chamados de bons são qualificados como superiores e os maus são descritos enquanto inferiores. Ser bom passa a ser uma regra de adaptação e utilidade, segundo Nietzsche (2001) declara em “A genealogia da moral”, ao relatar a obra de psicólogos ingleses, especialmente, Herbert Spencer. O utilitarismo liberal de Jeremy Bentham e Stuart Mill situam bom à bondade e ambos à felicidade e ao bem-estar. Ou seja, bom é ser piedoso e adaptado às regras sociais, políticas e culturais em prol da ampliação dos benefícios acessados e compartilhados.

Com efeito, estar além do bem e do mal, na medida em que não pode ser definida pelo binarismo do certo e do errado como campo formulado por forças transcendentais. O modelo idealista pressupõe a criação de um mundo das ideias enquanto verdades superiores acima dos corpos e dos afectos, acessadas e fabricadas pelos especialistas e técnicos do adiestramento das almas, os pastores dos rebanhos regulados e aprisionados em currais da felicidade e do controle social (NIETZSCHE, 2001).

O que a terapêutica da modernidade prescreve se torna o próprio sintoma, ou seja, o bem-estar passa a ser parte da produção do mal-estar na atualidade, de acordo com Freud (2010). Quanto mais controle, mais apelo moral e crescimento da impotência. Ora, neste ponto é possível analisar as práticas civilizatórias da modernidade como um esforço de uma

subjetivação moralista pela lei e ordem como atributos de uma sociedade dita desenvolvida, porém, bastante adoecida, envenenada pelos sentimentos mais fascistas e destrutivos, pelos ideais de pureza, vingança e superioridade.

“A cena do juízo moral, quando se julgam as pessoas por serem quem são, estabelece uma distância moral clara entre quem julga e quem é julgado” (BUTLER, 2017, p. 64). Uma existência moralista inunda-se no ressentimento, portanto, encomenda vingança e se julga tanto quanto julga o outro pelos valores mais rígidos e as leis mais duras. Trata-se de um tornar-se implacável e intransigente, orgulhoso e presunçoso na mesma medida em que se considera bondoso, correto, justo, piedoso e compassivo.

A figura do sobrevivente é parte desta forma de ser marcada pelo ódio à diferença e pela fuga ao estilo de viver ético. Sobreviver é um ato medíocre de se encerrar no mínimo, na compensação redutora das forças e no fechamento de si em grupelhos sectários e fundamentalistas. A moral para Nietzsche é de certo modo uma doença que se materializa pelo fechamento sobre si mesmo, em uma formação de interioridade que dificulta a potência de criar, conforme Butler (2018a).

O medo está no cerne da moral que nutre uma subjetividade fascista, pois, o temor de diferir alimenta o juízo atroz de si e do outro como tentativa de se resignar face à culpa sofrida por um percurso instrumental e utilitarista em prol da busca de receitas e verdades que impeçam ou posterguem a dor e o risco de aventurar-se por caminhos de errância que não sigam as cartilhas de controle técnico e ortopedia da docilidade altamente

produtiva de um corpo disciplinado, útil e dócil na sociedade capitalista liberal (FOUCAULT, 1999).

A relação do medo com a moral está baseada na busca de reconhecimento e de segurança, operando pela busca do bem-estar como promessa de uma moral do escravo, de uma submissão servil aos interesses liberais e ao modo de vida legalista em troca de uma suposta proteção do contrato social e em nome da defesa da sociedade, produz-se inimigos do bem, os que são classificados como maus, monstros, desviados, impuros e perigosos (BUTLER, 2018b).

A oferta de segurança pelo controle liberal faz do ser um humano culpado, desvitalizado, escravizado pela procura de um caminho certo e obcecado em evitar o que denomina erro sob a insígnia do mal. Escolher o bem é ser feliz por ser um atento cumpridor de leis e regras transcendentais, definidas de antemão por alguém que nos promete o bem se agirmos de modo condizente com o catálogo da retidão moral. Logo, o ser moral está guiado pela reprodução de modelos, obediência às leis e sujeição às regras estabelecidas como bem-estar universal.

A moral não suporta a diferença nem o estranhamento histórico, ela é fundamentalista e sectarista, avessa à singularidade e à alteridade. A história só serve à moral quando se torna refém da memória amarga e magoada, inflada por ressentimentos, raiva, medo, ódio e desejo de vingança. Kosntan (2004) relata que o ressentimento psicológico é da ordem da raiva e da mágoa e o ressentimento no plano social é baseado nas emoções do medo e do ódio. Ora, se uma política fascista opera pelo ódio e pelo medo

é porque traz em seu bojo um programa de ressentimento social que está sustentado pela moral e má consciência.

Todavia, a ética difere da moral porque está articulada com a dimensão dos encontros pela heterogeneidade, diferença e multiplicidade, não se limita à oposição entre o bem e o mal. É justamente neste plano que se diferencia da moral e não pode estar fundamentada no controle liberal utilitarista. Uma vida ética não se avalia pela culpa, pela má consciência e pela mágoa de julgamentos austeros. Para Butler (2019), a ética está ligada a uma responsabilidade em relação a si e ao outro, mas não para vigiar-se e culpa-se e sim para avaliar-se quanto à potência de vida e à abertura das possibilidades de existência.

Assim, a ética não é binária. O ser ético visa singularizar-se e ampliar a transversalidade existencial. Deste modo, a ética compõe com a micropolítica por meio de uma via que é a produção do desejo. A moral tem a tendência a ser naturalizada enquanto a ética se coloca sempre situada no tempo e no espaço. A moral caminha lado a lado com a má consciência e dá vazão às idealizações, às ilusões e imaginações extremas de intensa ascese punitiva e culpabilizada. Os efeitos são de desvitalização e diminuição da capacidade de inventar e agir no plano cotidiano das experiências, perdendo-se o campo ético, estético e político presente na ecosofia como herogênese, multiplicidade e fabricação da diferença.

Por uma ética não fascista: micropolítica e produção do desejo

A micropolítica, para Guattari é forjada por um campo de forças, em diagrama tecido tal qual um entrecruzamento de acontecimentos. Esta rede é marcada por um plano de heterogênesse, metamorfose de correlações de fazeres, em uma multiplicidade das práticas culturais, ecológicas, sociais, culturais, políticas, econômicas, subjetivas etc. O capitalismo mundial integrado, para Guattari (1986) opera pela macropolítica e tenta homogeneizar tudo pelo equivalente cultural de modo a generalizar a subjetividade capitalística, instrumental e utilitarista.

Uma ecosofia teria aspectos de uma desnaturalização do instituído pela macropolítica e implicaria em articular a ordem molecular das forças, em um campo instituinte das mesmas. É possível afirmar que a ecosofia se aproxima da ética, da estética, da política e do capitalismo mundial integrado da moral fascista, sectarista e fundamentalista. Ainda vale salientar que um modo de viver ecosófico é inventivo e molecular, liga pontos díspares diversos em processualidades singularizadoras (GUATTARI, 2001).

A ecosofia assim como a micropolítica operam pela produção desejante. O desejo é fábrica, usina de realidades, possibilita criar e inventar mundos e possibilidades de existências. Sem o desejo como produção não há uma micropolítica ecosófica, na medida em que a reprodução se instala e o modo de vida automático nos torna sobreviventes alienados nas encomendas burocráticas da moral que nos torna seres culpados e ressentidos. (GUATTARI & ROLNIK, 2000).

É interessante notar que o capitalismo tenta dissociar a produção desejante da dimensão social e, assim, individualizar a culpa e construir a noção de mérito e livre concorrência para explicar as desigualdades socio-econômicas. Ora, o desejo é produção e não reprodução, portanto, há uma insurgência ética que tece a própria política enquanto potência criativa da subjetividade e da sociedade, simultaneamente.

Se, o capitalismo mundial integrado tenta capturar e instrumentalizar a subjetividade o faz pela via do capital humano, do ser sobrevivente e moralista, legalista e ordeiro que se torna dócil ao produtivismo, obediente à lei e à norma, sem questionar nada, apenas serve e empreende no mercado dos serviços, sujeitando-se ao controle rápido e intenso dos corpos, das mentes, dos sentimentos e das relações (GUATTARI, 1986).

Com efeito, há uma economia desejante em tudo que se faz e se pensa. A ética demanda a experimentação acontecimental da criação da diferença e da luta incessante pela singularização em resistência às capturas dos microfascismos do desejo. Michel Foucault, no prefácio ao “Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia”, cuja autoria era de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1976) nos alertou para três aspectos importantes a combatermos em nome de uma vida não fascista, quais sejam:

Os ascetas políticos, os militantes sombrios, os terroristas da teoria, esses que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade. [...] Os lastimáveis técnicos do desejo - os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma, e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta. [...] Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico, (embora a oposição do Anti-Édipo a seus outros inimigos constitua mais um engajamento político): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e

de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora.

O desejo não pode ser apenas uma questão de especialistas, não se trata de uma restrição técnica somente de psicanalistas e de analistas da linguagem. O desejo pode se tornar fascista e este é um perigo a qual todos e todas nós estamos sob risco permanente. As forças do capital tentam se apoderar da nossa produção desejante, buscando fazê-la operar pela falta e pela repetição de fantasmas. Foucault (1976) está atento aos inimigos da ética, aquelas vidas tristes que tentam sequestrar a potência do pensar e agir pelas teorias enquanto doutrinas servis e camisas-de-força asfixiantes, pelas burocracias partidárias dominadoras e opressoras, pelas militâncias panfletárias que visam ser as diretoras de supostas consciências, pelas divisões binárias dos valores e pelo amor pelo poder como morte de si e do outro.

O desejo alienado à burocracia do Estado e das ciências ou ainda das doutrinas de sociedades dogmáticas e de especialistas do governo das condutas realiza um operar de engrenagens do capital, do cientificismo tecnicista e das religiões extremistas sustentadas por fundamentalismos de toda sorte e acirramento de subjetividades fascistas. Foucault (1976) destaca que se trata de um fascismo que não é apenas o efetuado por Hitler e por Mussolini, mas sim uma prática fascista que nos atravessa e pode ganhar lugar em nossas existências, nos fazendo nos apaixonar por um sobreviver moralista e medíocre.

Foucault (1976) também nos lembra de alguns operadores táticos nas batalhas pelo exercício de uma vida ética, entre eles:

Libere a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante. [...] Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal. [...] Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade. [...] Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária. [...] Não utilize o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ele fosse apenas pura especulação. Utilize a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política. [...] Não exija da ação política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo, tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação, o deslocamento e os diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”. [...] Não se apaixone pelo poder.

Uma vida ética, estética e política pressupõe ativar o pensar e articulá-lo ao corpo e à produção desejante pela via da diferenciação permanente e pela atitude crítica ao modo indivíduo de ser para podermos desdisciplinarizar os saberes e tecer multiplicidades com as forças descontínuas em emergência. Os saberes e os poderes não têm raiz nem são arborescentes, não são resultantes de consciências iluminadas pela razão

e dominadas pelo juízo da verdade. A arte da existência é uma estilística de si, viver como alguém que fabrica a si como uma obra de arte. Por isto, estética da existência e uma política da vida que não é a do corpo organizado e sim a da processualidade molecular do devir como história acontecimental (DELEUZE, 1992; 2005).

Neste sentido que, para Guattari (2001), a ecosofia pressupõe uma ética, estética e política que estão em correlação com o cuidado de si e dos outros. Com efeito, o cuidado implica abrir mão da má fé e da consciência culpada para efetuar potências transvalorativas em uma visada perspectivista das práticas sociais. O exercício de uma micropolítica implica desejar por meio da ética, estética e política viver para além do bem e do mal. Este modo de existência é uma resistência à vida fascista, interroga e desloca o julgamento moral de cunho utilitarista e adaptacionista.

Neste plano perspectivo, trabalha-se com uma história política da verdade e não com o cientificismo de especialistas ávidos por modelos e manuais civilizatórios. A ética do “cuidado de si” consiste em criar valores sem hierarquizá-los e sem os impor aos outros. Cada um dá para si um campo valorativo de existência e avalia pelos efeitos que produz sem querer fazer dele um universal e sem achar que estes valores são o bem em comparação com o mal que supostamente estaria no outro, classificado como impuro e inferior por divergir e por desejar diferir.

A “estética da existência” pela micropolítica é tecida pela abertura de novos mundos e outros estilos de vida como uma obra de arte a ser feita e inventada no bojo das experiências e dos encontros (GUATTARI &

ROLNIK, 2000). Neste ponto, é caosmose e faz heterogênese para desfazer o corpo organizado por funções desenvolvimentistas e evolutivas, em um corpo biológico que caminha para o progresso por ser dotado de juízo da verdade.

Deleuze e Guattari (1995), ao traçarem a noção de corpos sem órgãos designam a dimensão ética da invenção por meio do caos de uma organização funcional do corpo pela biologia evolucionista, em que a vida é pensada como moral de universais arborescentes, hierarquizada por funções em desenvolvimento por semelhanças e analogias de espécies, gêneros e famílias na sistemática filogenética de herança aristotélica. Ao contrário, o corpo sem órgãos é disruptivo com esta ordem funcionalista e hierarquizante dos encontros e das processualidades se partirmos de uma potência da vida como arte de existir sem juízos superiores e sem entradas e saídas prioritárias de uma soberania da razão face à produção desejanete que circula e intensifica encontros múltiplos.

Ora, segundo Fuganti (2008), a ética não hierarquiza os encontros nem os funcionaliza por evolucionismos e desenvolvimentos progressistas dos órgãos e das espécies. Este ato é da moral que submete o desejo ao juízo e, assim, o aprisiona em adaptações de corpos organizados por controles soberanos da racionalidade tecnicista e mortífera de sobrevivências medíocres. O juízo moral é focado na separação entre corpo, desejo e pensamento. “Muitas vezes, nos baseamos em juízos de culpa ou inocência para resumir a vida do outro, confundindo postura ética com aquele que julga” (BUTLER, 2017, p. 63).

Foucault (1996) analisou como a ciência moderna andou lado a lado com a criação do homem como ser da consciência e da razão. Este lugar se tornou um ideário de soberania articulado à construção do Estado de direito liberal e à busca de controle disciplinar por meio do exame de consciência moral e da confissão enquanto dispositivo de cura para expiar culpas e, assim, governar as almas e condutas como se guia um rebanho pela gestão da saúde e da segurança rumo ao bem-estar no capitalismo mundial integrado.

O cientista semelhantemente ao militante e ao soberano eleito pelo povo desejou ocupar um lugar de privilégio na produção normalizadora e normativa da vida, justificando tal poder-saber em defesa da sociedade. Por isto, para uma vida não fascista é importante traçar um plano de valores éticos que possibilite a resistência micropolítica, não desejando amar o poder nem desejar pelos outros, muitos menos querer dirigir a vida de alguém e instrumentalizar verdades em nome de um suposto bem e felicidade.

Conclusões provisórias

É possível concluir, afirmando-se que o desejo é produzido por uma micropolítica em que a ética, a estética e a política materializam-se em uma maquinaria formada por forças intensivas em devir e por uma ecosofia enquanto modo de viver no presente. Criação e política são tecidas pela abertura ao devir, ou seja, por entremeios dos entrecruzamentos das forças de um diagrama da sociedade em que a potência de inventar

está conectada com o corpo sem órgãos e o pensamento problematizador dos acontecimentos.

A singularização é um mecanismo de subjetivação que abre mundos e possibilidades e demanda uma avaliação ética de si permanente. A lógica que move esta processualidade é a da experimentação, da diferenciação e de uma caosmose. Para tanto, coloca-se em xeque a moral e os seus burocratas da razão e do Estado, interroga-se o amor ao poder e a colagem às teorias como dogmas e doutrinas. A arte de viver é uma estilística da existência que demanda desejar como produção e não enquanto repetição. Com efeito, efetua-se uma micropolítica do desejo para não sermos aprisionados pela moral tecnicista, utilitarista, idealista e limitada ao binarismo do bem e mal.

Romper com os ressentimentos que levam à culpa e à submissão servil ao liberalismo e utilitarismo moralista de ser um obediente cumpridor da lei e da ordem em nome da adaptação ao contrato social e ao pacto político da sobrevivência limita-se a ser apenas entre o bem e o mal. Criar para si um cuidado em zonas de vizinhanças com o cuidado da cidade é uma arte de se governar e de cuidar do outro que não se cola à proteção piedosa e caricata de um corpo organizado por funções que separa pensamento de desejo.

A política como potência implica uma ética da invenção e da subjetivação por um desejo que engendra acontecimentos e dá lugar ao acaso e à proveniência das forças díspares, em povoamento de desertos por bando e multidão e não por população e povo. Para construir uma

vida não fascista é importante se desfazer da ordem moral que incide pela ampliação do medo e do terror e, assim, traçar uma cartografia do desejo micropolítica e ecosófica, as quais são tecidas como uma rede de multiplicidades diagramáticas pela ética como posição existencial.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. *Relata a si mesmo. Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. *A vida psíquica do poder. Teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a.

_____. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

_____. *Vida precária. Os poderes de luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. *Mil platôs III: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Cultura. São Paulo: Col. L&pm Pocket. 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

_____. A coragem da verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FUGANTI, Luiz. Saúde - desejo e pensamento. São Paulo: Hucitec, 2008.

GUATTARI, Félix. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____ & ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. As três ecologias. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 12. ed. Campinas: Papirus Editora, 2001.

KONSTAN, David. Ressentimento - história de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). Memória (res)

sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2004. pp. 59-80.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral; uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.